

LUZIA LEITORA: A NARRATIVA JORNALÍSTICA NA ESCRITA DA HISTÓRIA

Márcio Miranda Alves

Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Resumo: Este artigo analisa o comportamento da personagem Luzia Cambará como leitora de jornal e almanaque em *O Continente*. Entende-se que a prática de leitura de Luzia não indica apenas uma intenção de provocar seus interlocutores, em um contexto que nega à mulher o direito de opinar sobre certos assuntos, mas também leva a novas interpretações sobre a escrita da história na trilogia de Erico Verissimo, muitas vezes legitimada pela narrativa jornalística.

Palavras-chave: Leitura; Jornais; Almanques; História; *O Continente*.

Abstract: This article analyzes the behavior of the character Luzia Cambará as a newspaper and almanac reader in *O Continente*. It is understood that Luzia's reading practice not only indicates an intention to upset her interlocutors, in a context that denies women the right to express an opinion on certain subjects, but also leads to new interpretations about the writing of history in Erico Verissimo's trilogy, often legitimized by the journalistic narrative.

Keywords: Reading; Newspapers; Almanacs; History; *O Continente*.

O episódio a “Teiniaguá” coloca no centro dos acontecimentos o médico Carl Winter, Bibiana, Bolívar e Luzia Cambará, neta do estancieiro Aginaldo Silva. Como se repete ao longo da trilogia, das reuniões no interior do Sobrado saem as interpretações históricas, políticas e filosóficas que descortinam não apenas os dramas existenciais e os conflitos familiares das personagens, mas, também, em um quadro mais amplo, a formação social do Rio Grande do Sul e do Brasil. Durante um desses encontros, em

certo momento as personagens discutem sobre as invenções mais recentes da modernidade, como a iluminação a gás e as estradas de ferro, símbolos do progresso que acabam de chegar ao país. Bolívar afirma que não troca “um bom cavalo por essas tais máquinas que cospem fumaça e fogo”, Bibiana não acredita que “mais luz ou menos luz possa fazer uma pessoa mais feliz ou mais infeliz”. As opiniões de mãe e filho são contrárias às de Luzia, preocupada com o atraso material da vida no interior da Província.

– Estive lendo nos jornais que vão inaugurar este ano a primeira estrada de ferro do Brasil.

– Mas vai custar a chegar até aqui – observou Bolívar. – Tudo custa. Leva anos e anos.

– Quanto mais custar – sentenciou Bibiana – melhor pra nós.

A estrada de ferro a que Luzia se referia pertencia a uma companhia inglesa. Quando passara pelo Rio de Janeiro, Winter ficara surpreso ante o número de firmas e agências comerciais britânicas que lá existiam. (2004: 111)

O diálogo entre Luzia, Winter, Bolívar e Bibiana revela muito sobre os valores individuais das personagens e ajuda na compreensão das estratégias de abordagem da história em *O Continente*. Luzia é uma leitora de jornais que se atreve a conversar com os homens sobre assuntos que, à época, eram vedados às mulheres. Nesse ponto reside um dos elementos centrais do episódio: o desajuste nos costumes tradicionais causado por uma mulher que viveu na Corte, lê jornais e opina sobre os mais diversos temas. No contexto histórico representado, Luzia é uma mulher à frente de seu tempo, na medida em que o seu comportamento vai na contramão do que se esperava do sexo feminino no século XIX.

Luzia sabe que esse comportamento não é permitido em um ambiente essencialmente patriarcal irrita a sogra e o marido, e justamente por isso ela insiste nas conversas com o médico, o intelectual alemão que não esconde a sua admiração pela “musa da tragédia”, Melpômene, a qual o atrai com os encantos da Teiniaguá. “Como era que naquele fim de mundo, naquele lugarejo perdido nos confins do continente americano, entre gente rude e primária, existia uma mulher assim? Podia estar numa tragédia de Sófocles ou de Schiller, num conto de Hoffmann ou num... *Mein Gott!*” (2004: 75). Embora a mulher tenha um papel importante ao longo da trilogia de Erico Verissimo, Luzia difere da bravura de Ana Terra, da perseverança de Bibiana ou da resiliência de Maria Valéria: ela é uma leitora que tem senso crítico para interpretar os fenômenos sociais e isso a torna um incômodo para a tranquilidade do Sobrado.

O casamento Luzia e Bolívar foi incentivado por Bibiana para garantir aos Cambará a recuperação da terra um dia perdida para Aguinaldo Silva em uma hipoteca. A união, no entanto, custa caro a todos. O filho do Capitão Rodrigo não tem o respeito da esposa e Bibiana a odeia a ponto de desejar a sua morte. Luzia, por sua vez, não suporta a vida bucólica de Santa Fé e desconta as suas angústias nos moradores da casa. No fundo, Luzia despreza a vida pacata da vila e não esconde seu aborrecimento com a falta de distrações como bailes, teatros e concertos, atividades normais no Rio de Janeiro e que ela não encontra em Santa Fé. Nesse contexto de tédio e aborrecimento, a leitura dos jornais a faz se sentir mais próxima da Corte e das opções de divertimento inexistentes em Santa Fé.

Os sentimentos negativos provocados pela sensação de isolamento da vida social da cidade são explorados com frequência no romance moderno. Afinal, as promessas de prazer que a modernidade apresenta não afetam apenas os arrivistas sociais homens, que naturalmente têm mais liberdade de movimentos no espaço das cidades, mas também as mulheres que sonham com os vestidos da moda parisiense e as luzes dos salões. O tédio sentido por Luzia não difere muito daquele de Emma Bovary, personagem central do romance de Gustave Flaubert. Essa semelhança já foi apontada por David-Peyre (1977), que identifica relações de proximidade entre as duas personagens, como a doença, o adultério e a instrução feminina. “Podemos dizer de Luzia o que Flaubert escreve de Emma: no fundo de sua alma, entretanto, ela espera um acontecimento” (David-Peyre, 1977:112). Às observações de David-Peyre pode-se acrescentar a predileção das duas pela leitura de jornais, um recurso fácil para atenuar a solidão e permitir a viagem sensorial no espaço. A diferença é que Emma deixa-se influenciar pelos romances românticos de folhetim, particularmente interessada nas aventuras do coração, enquanto Luzia prefere os assuntos da política e da economia.

A relação de Luzia com os jornais revela mais do que um gesto de afronta a Bibiana e Bolívar ou uma preocupação em se manter de alguma forma em contato com o mundo externo a Santa Fé. No plano histórico de *O Continente*, as notícias que vêm da imprensa escrita preenchem os eventos no tempo narrado e conferem à narrativa a medida necessária de verossimilhança buscada por Erico Verissimo. Mesmo que as indicações do ato de ler de Luzia sejam poucas, esses momentos, associados a outros ao

longo da trilogia e sobre os quais já se tratou,¹ demonstram um ponto de vista particular no olhar para a reconstituição da história, narrada a partir de pequenos recortes que ajudam a formar o quadro completo.

A primeira estrada de ferro do Brasil, assunto do diálogo no Sobrado, foi inaugurada no dia 30 de abril de 1854, no Rio de Janeiro, com 15 quilômetros de extensão. Não se encontra na narrativa de “A Teiniaguá” uma referência ao título do jornal em que Luzia lê a notícia. Por certo, os jornais do Rio de Janeiro publicaram informações sobre a novidade, que representava à época um marco para o processo de modernização ainda incipiente da Capital do Brasil. O *Correio Mercantil*, na edição do dia 1 de maio de 1854, publica na capa que “O Brasil conta mais um grande fato nos anais, e quiçá um dos mais importantes em relação à sua indústria e ao seu progresso. Inaugurou-se ontem, em presença do SS. MM. II., e no meio dos entusiásticos vivas de mais de mil pessoas de todas as classes, a estrada de ferro Mauá”.² Trata-se de uma notícia discreta, não mais do que um registro do acontecimento, provavelmente devido às dificuldades técnicas que impediam agilidade maior nas redações. No entanto, na edição do dia seguinte a inauguração da linha recebe destaque em praticamente meia página de capa do jornal.

A informação apresentada por Luzia não se trata, ao que parece, de uma citação de fonte primária por parte do escritor, mas, sim, um recurso de legitimação da narrativa ficcional que busca como efeito a confirmação da historicidade de um determinado tempo, colocando em contraste o isolamento e a pobreza material de Santa Fé e a modernidade do Rio de Janeiro. Até onde se sabe, Erico Verissimo não realizava pesquisas em arquivos de jornais para escrever seus romances, mas, sim, conferia datas, eventos históricos e teorias socioculturais nos livros.³

Nesse período em que transcorre a narrativa, o Rio Grande do Sul não vivia o seu melhor momento de atividade jornalística no século XIX. Isso porque o surgimento

¹ Cf. ALVES, Márcio Miranda. *Erico Verissimo e o jornalismo: fontes para a criação literária*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

² *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1854, Anno XI, n. 119, p. 1.

³ Exceção aos exemplares do *Correio do Povo* que ele consultava para a escrita de *O Retrato* e *O Arquipélago*, referentes aos episódios que transcorrem de 1910 a 1945. Em relação às pesquisas em livros, Eoná Moro (2001) encontra evidências disso em diversos livros que tratam da história rio-grandense nos séculos XVIII e XIX. Segundo ela, entre os historiadores a que Erico Verissimo possivelmente teve acesso estão: Carlos Dante de Moraes; Walter Spalding; Clemenciano Barnasque; Antonio Carlos Machado; João Pinto Guimarães; Alcides Lima; João Pinto da Silva; Aquiles Porto Alegre; Múcio Teixeira; Alfredo Varela e Carlos Teschauer.

e a expansão dos jornais na Província do Rio Grande do Sul foram resultados diretos da Revolução Farroupilha (1835-1845), momento em que a radicalização nas relações entre os liberais e o governo imperial se reflete diretamente na imprensa, que passa a acompanhar e participar dos debates entre o governo absolutista e as oposições. Nas províncias, jornais panfletários surgem como porta-vozes da elite descontente com o modelo centralizador do Império, atuando de acordo com a necessidade de controlar a circulação de informações que pudessem prejudicar o exercício do governo. Desde a criação do *Diário de Porto Alegre*, em 1827, considerado o primeiro jornal a ser impresso na Província do Rio Grande do Sul, até 1845, último ano da revolução, a capital Porto Alegre registra a circulação de 54 jornais (Barreto, 1986: 289-90). Como a maioria estava ligada a uma das facções e deixou de circular após a Revolução, esse número cai sensivelmente na década seguinte, a que coincide com o episódio “A Teiniaguá”, voltando a subir a partir da década de 1870, impulsionado pelas revistas e jornais literários e pelas campanhas abolicionistas.

Os jornais acompanhados com interesse por Luzia e Winter são impressos em Porto Alegre, mas não se resumem a boletins de notícias da Província.⁴ A estratégia editorial de conciliar a publicação de eventos locais e eventos nacionais (ou internacionais) acompanha as folhas noticiosas desde o seu surgimento e, ao que parece, são essas informações vindas de longe que atraem a curiosidade da leitora Luzia. Na solidão do Sobrado, ela busca no jornal um meio de se manter informada sobre o que acontece na cidade e, ao expor opiniões sobre o que lê, provoca manifestações de diferentes pontos de vista sobre a ideia de progresso e a consciência do atraso em que vivem os moradores de uma pequena vila no interior do Rio Grande do Sul. Os jornais, assim como a cítara, são ao mesmo tempo passatempo e busca pelo confronto com Bibiana e Bolívar enquanto alternativa para descontar as frustrações.

Dessa forma, conhecer os dramas que afligiriam uma mulher leitora, educada na Corte, e que está destinada a viver em uma pequena vila distante das possibilidades oferecidas pela modernidade também significa conhecer um pouco da história do Rio Grande do Sul à época. Destino de muitos imigrantes que desejavam uma vida melhor na América, em sua maioria trabalhadores da terra, o Rio Grande do Sul também

⁴ “– Recebi ontem jornais de Porto Alegre – disse Luzia. – O senhor depois quer ler? – Claro! Quero ver o que está acontecendo por esse mundo velho.” (2004: 108)

recebeu muitos europeus em busca de aventura, como pintores, tipógrafos, soldados e muitos outros “profissionais” que se espalharam pelas cidades do interior. Por isso não estranha a presença de uma figura como Carl Winter, inspirado em um médico alemão que teria vivido em Cruz Alta⁵, tampouco a de Luzia, que repete a história de tantas outras mulheres que foram educadas no Rio de Janeiro, mas por algum motivo acabaram vivendo a maior parte de suas vidas no sobrado de uma vila qualquer.

O diálogo entre o médico e os moradores do Sobrado leva também a outro aspecto: o rito social da leitura que tem o jornal como objeto essencial de (in)formação. Em *O Tempo e o Vento*, as frequentes reuniões que colocam as personagens em situações de sociabilidade quase sempre são permeadas pela leitura dos impressos. No plano da ficção, o jornal aproxima os leitores dos eventos históricos que estão acontecendo a distância, fazendo com que eles se sintam participantes do processo histórico e político. Em *O Continente*, o que se vê são representações das sociabilidades midiáticas que, embora em estágio mais avançado nas grandes cidades, embaladas pelos cafés, os bailes e os salões, ainda são experiências restritas aos lares e aos poucos alfabetizados nas comunidades interioranas. Compartilhada e unificadora, essa mediação proporcionada pelo jornal não apenas produziu a sociabilidade do século XIX, mas, mais do que isso, “é até mesmo evidente o tanto que o jornal permite traçar fronteiras sociais, formar e confirmar identidades comuns” (Pinson, 2015: 333).

A exploração desse elemento que une cultura midiática e prática social de leitura por parte de Erico Verissimo não chega a ser uma novidade na narrativa ficcional ocidental. No século XIX foram muitos os romancistas que, no anseio de revelar os aspectos mundanos das grandes metrópoles influenciadas pelo fenômeno do jornal, levaram ao centro da cena a leitora de folhetim, o redator ou o poeta que se confunde com a figura do jornalista e que precisa enfrentar a difícil escalada social. Segundo Pinson (2015: 336), nas obras de autores como Guy de Maupassant, Paul Bourget, Roman Rolland e Paul Hervieu, aos quais se pode acrescentar Stendhal, Flaubert e Balzac, “o jornal midiática os personagens, relança intrigas e complica as relações

⁵ Erico Verissimo (1995: 299) conta em suas memórias que a certa altura sentiu a necessidade de criar uma personagem que pudesse fazer o papel de “coro” da sociedade provinciana de Santa Fé. Ela deveria ser alfabetizada e capaz de comparar a “incipiente civilização sul-americana com a europeia”. Ao ler sobre Cruz Alta em uma monografia, descobriu que em 1852 um médico natural da Alemanha “apresentou suas credenciais à Câmara Municipal”. Nesse momento teria nascido a personagem Carl Winter.

mundanas”. Mas se a representação desse universo mundano permeado pelas relações midiáticas não significa uma inovação na prosa de Verissimo, onde estaria a novidade?

A resposta para essa questão está na forma de abordagem da história na ficção de *O Tempo e o Vento*, pautada em muitos momentos pela fonte da narrativa jornalística. Nos episódios “A Teiniaguá” e “A Guerra” encontram-se os primeiros sinais dessa estratégia de criação literária que passa a ser determinante conforme o passado da narrativa se aproxima do presente do autor. A partir da composição de uma personagem leitora de jornais, a qual introduz por meio da leitura informações que ajudam a compor o quadro histórico, percebe-se a intenção “alternativa” de observação dos eventos narrados.

Estudioso da história, Erico Verissimo, à época da escrita de *O Continente*, muito provavelmente tinha conhecimento do debate historiográfico promovido pelo grupo da *Revue des Annales*, para o qual deveria haver uma revisão dos objetivos da narrativa histórica. As novas diretrizes que deveriam ser seguidas eram:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando complementar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras. (Burke, 1997: 12)

A percepção de Erico Verissimo em relação a esse tema parece ir ao encontro da proposta dos *Annales*. Para o escritor, o ensino da história nos livros escolares era até então pautado por uma sucessão de heróis e batalhas entre tropas castelhanas e brasileiras, das quais os brasileiros (gaúchos) eram sempre os vencedores. Os clichês em torno das características físicas e temperamentais dos generais, como eram apresentados nesses livros, não perdiam em brilho e criatividade para os espadachins da ficção europeia. (Verissimo, 1995: 289)

Nesse sentido, o projeto de Erico Verissimo de trabalhar pressupostos históricos no campo ficcional de forma a fugir dos modelos tradicionais, promovendo uma interação entre a história e as ciências sociais em uma abordagem interdisciplinar, encontra na imprensa muitas possibilidades até então pouco exploradas. Ele opta conscientemente por observar a “história da sociedade” nas páginas dos jornais e revistas, nas quais as informações sobre o comércio, as leis, as artes, os costumes, a

política e as guerras revestem-se de certa “naturalidade” raramente encontrada nos livros, que são frutos de trabalhos científicos.

Na narrativa de *O Continente*, a presença de Luzia enquanto personagem leitora sinaliza, portanto, não apenas mais um argumento narrativo no quadro geral de representação da formação histórica do Rio Grande do Sul, mas também um ponto de vista sobre essa história. Não por acaso, o almanaque é outro meio de comunicação impresso que com certa frequência aparece nas mãos das personagens leitoras. Publicação muito popular no século XIX, o almanaque também está entre as opções de leitura de Luzia.

No episódio “A Guerra” o tema das discussões realizadas no Sobrado trata principalmente sobre questões políticas, como os rumos da Guerra do Paraguai, as intrigas na Corte e o crescimento dos ideais republicanos. Neste momento os diálogos ocorrem entre Luzia, um militar, um padre, um juiz e um médico, além de Bolívar e Bibiana, para a qual a nora comportava-se como uma “assanhada”. Para o Major Graça, a ideia de república é coisa de “meia dúzia de mocinhos que andam com as cabeças cheias de leituras exóticas e ideias extravagantes”; o padre Otero entende que “o perigo está em certas ideias radicais que importamos da Europa”; enquanto Dr. Nepomuceno afirma que a república “é o progresso”. Luzia, por sua vez, observa que se vive uma época interessante em que muitas coisas estão acontecendo, e para perceber isso “basta ler um jornal!” (Verissimo, 2004: 234).

– A guerra civil nos Estados Unidos... – enumerava Luzia. – A libertação dos escravos, a morte de Abraão Lincoln... Ah! E a maravilhosa história de Maximiliano, imperador do México... Ainda ontem estive lendo a respeito dele num almanaque. (2004: 235)

Luzia trata jornal e almanaque como sinônimos, o que não chega a causar estranheza, uma vez que durante muito tempo a palavra “jornal” foi utilizada para designar diferentes tipos de publicação impressa. Particularmente sobre os almanaques, Le Goff (2003: 518) indica que o primeiro deles foi impresso na Alemanha, em 1455. Cerca de 10 anos mais tarde surgem os *Almanaques das Corporações dos Bombeiros*, inaugurando a publicação dos almanaques das corporações, e, em 1471, aparece o primeiro almanaque anual. Na França, o *Grand Compost de Bergiers* é considerado o

mais antigo, criado em 1493. A partir do século XVII, esse gênero de publicação difunde-se por vários países da Europa, acolhido pela literatura popular de divulgação.⁶

A história de evolução dos almanaques acompanha a própria história dos impressos no Ocidente a partir da segunda metade do século XV, ampliando horizontes juntamente com a aceleração do processo de urbanização e a melhoria nos índices de alfabetização. Pelo menos no início, o almanaque foi uma extensão dos calendários, priorizando informações sobre as fases da lua, os dias e meses do ano. Por esse motivo, tanto o almanaque quanto o calendário conseguem nesse primeiro momento ser um ponto de convergência entre a cultura erudita e a cultura popular, em que o campo meteorológico, médico e narrativo do saber popular penetra nos ambientes populares, enquanto a ciência erudita atinge os cidadãos e os letrados (Le Goff, 2003: 519).

Entre as escassas publicações que conseguiam circular longe dos grandes centros no século XIX, os almanaques estavam entre elas. No Brasil, os almanaques começam a surgir no início desse século, embora no anterior alguns exemplares trazidos de Portugal já circulassem de forma restrita. Segundo Sodré (1983: 241), a despeito da qualidade inferior, os almanaques representam no Brasil a primeira manifestação “do esforço para ampliar a cultura impressa.”

Diferentemente do que ocorria com o mercado de livros e de jornais, sempre se reinventando para atrair os escassos leitores, os almanaques conseguem penetrar nos lares com mais facilidade por conta, entre outros motivos, de sua fácil adaptação às técnicas de impressão precárias e da distribuição quase sempre gratuita, como brindes, por farmacêuticos e comerciantes. O resultado disso é que publicações como o *Anuário Fluminense – Almanach Histórico da Cidade do Rio de Janeiro* tem uma tiragem inicial, no seu primeiro número em 1900, de 45.000 exemplares. No mesmo ano, o *Almanach Ilustrado Brasil-Portugal*, editado pela *Gazeta de Notícias*, imprime 50.000 exemplares, superando em muito o limite máximo de 2 mil exemplares alcançado pelos livros (Dutra, 2005: 22-23).⁷

6 A denominação de literatura popular ao gênero almanaque deve-se, segundo Park (1999: 54), ao sistema de distribuição que, na Europa, “se deu através de vendedores ambulantes, junto dos *pliegos* de cordel espanhóis e catalães e dos *chapbooks* ingleses”.

⁷ As empresas jornalísticas souberam reconhecer a influência dos almanaques nos meios sociais e desenvolveram vários projetos. O jornal *O Estado de S. Paulo* lançou um almanaque pela primeira vez em 1896, o *Jornal do Brasil*, no ano seguinte, e o *Correio do Povo*, em 1895, apenas um ano após o seu surgimento. O *Correio* manteve a publicação de almanaques até a década de 1980, o que demonstra a popularidade da publicação entre os leitores. Revistas de periodicidade mensal, como a *Tico-Tico*, a

Na acepção de Ferreira (2001: 20), pode-se falar do “aspecto civilizador” dos almanaques no Brasil, considerando-se o seu poder de penetração nos mais distantes rincões, nos povoados afastados e nas cidades, “transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação efetiva de repertórios”. Assim como ocorre com os almanaques europeus, no Brasil essas publicações também têm como característica a recuperação de práticas e saberes dos mais antigos até os mais contemporâneos. Apesar de seu assentamento em tradições arcaicas, os almanaques sempre trazem a ideia “de uma grande modernidade” (Ferreira, 2001: 20).

Por isso, não estranha que um almanaque sirva de leitura informativa para Luzia. A partir de suas páginas, Luzia sente-se capaz de discutir temas da política internacional com os intelectuais que frequentam o Sobrado. Na Santa Fé de poucos recursos materiais, o almanaque representa o elemento de ligação entre o homem comum, solitário na pequena vila afastada dos centros urbanos, e os grandes eventos da história. Para o leitor que não conhece a história do imperador Maximiliano, Luzia resume o que lera no almanaque:

[...] – Um arquiduque austríaco que viajou por todo o mundo, um belo homem de pele clara e olhos azuis, um homem educado, um homem bom, e de repente se vê imperador dum país de índios de cara de bronze, um país tão diferente da Áustria como a noite do dia. E vosmecê já pensou no papel da Imperatriz Carlota quando foi falar com Napoleão III para lhe pedir que não abandonasse Maximiliano?
– Perdeu o seu latim – interrompeu-a Winter.
– Mas que importa?
– E acabou transtornada do juízo – acrescentou o doutor, tomando o último gole de café.
– E tudo isso não é belo? (2004: 235)

Ainda que a leitura de Luzia indique a interpretação da história como uma grande aventura de ficção, isso não anula a importância da estratégia narrativa que dá novos significados à voz jornalística na composição do painel histórico. Quando lê o almanaque para os seus interlocutores, Luzia sente-se parte dos acontecimentos e de certa forma coloca Santa Fé como testemunha da história do imperador Maximiliano.

Os almanaques em geral eram alimentados pelas informações já publicadas em jornais e revistas de grande circulação. Ou seja, há nessa relação um processo de edição que mais tarde inclui outros atores, como o leitor de ficção e até mesmo o romancista. Park (1999: 97) observa nesse fenômeno que “os fios perpassam dos jornais para os

primeira revista infantil do Brasil, e a *Eu Sei Tudo*, também publicavam uma edição especial de final de ano no formato de almanaque.

almanaques, revistas e livros, interligando-os”, ao qual pode-se incluir a narrativa ficcional de Erico Verissimo. O processo de garimpagem de informações realizado pelos editores dos almanaques leva em conta aquilo que tem um efeito prático na vida dos seus leitores⁸ – justificando o que se convencionou chamar de “cultura de almanaque” para o conhecimento superficial, fragmentado, incompleto e de fácil apreensão –, não muito diferente do processo de criação literária que, se não tem preocupação com esse efeito prático, tem com a compreensão da história por parte do leitor. Em um exercício de digressão, pode-se considerar que os relatos escritos e orais da biografia política de Maximiliano passaram das testemunhas às páginas dos jornais e das revistas, foram recontados nos almanaques, narrados nos livros de história e sintetizados em “A Guerra” pela voz de Luzia. No final das contas, e sem que seja necessário abordar as semelhanças e diferenças entre as narrativas históricas e ficcionais, tudo se resume a uma única história contada de diferentes formas.

Em *O Continente*, mais do que representar a oferta de uma mosaico de receitas para a vida prática e moral, com informações fragmentadas do tipo enciclopédico ou ocultista, o almanaque também surge como fragmento de texto de não ficção que ajuda a compor o eixo histórico da narrativa. Nesse sentido, os excertos de almanaques – e também de jornais – inseridos na narrativa ficcional podem ser interpretados como elementos paratextuais (assim como as ilustrações, as notas de rodapé, as epígrafes, os prólogos, etc.) que orientam a apresentação da história e a interpretação dos eventos por parte do leitor. Se o paratexto funciona como meio de apresentação das intenções e pretensões de uma obra e de certa forma “demonstra a consciência dos autores sobre as implicações do gênero que se apresenta ao leitor e uma preocupação em direcionar o modo como a obra deveria ser lida” (Moraes, 2001: 98), os fragmentos de almanaques e jornais em *O Continente* também podem ser analisados sob essa perspectiva.

Nesse sentido, a leitora Luzia Cambará coloca-se como mediadora dos interesses do escritor na apresentação da história a partir da narrativa jornalística, dos jornais e almanaques, interligando os eventos históricos “reais” à abordagem ficcional. Na voz de Luzia, assim como será na de Rodrigo e Floriano Cambará, Toríbio Rezende, Roque Bandeira e tantos outros, descortina-se um caminho alternativo para a escrita da

⁸ Chartier (1999: 10) afirma que os almanaques “são igualmente os portadores de um projeto de reforma e de civilização identificado ao destino da nação e, para alguns, da raça”.

história em *O Tempo e o Vento*. É um caminho que se abre para as fontes primárias dos registros jornalísticos, ora na reprodução de excertos publicados na imprensa, ora na invenção desses excertos. Esse recurso narrativo de Erico Verissimo amplia no leitor a sensação de que o narrado “poderia ter acontecido” dessa forma, em certa medida legitimando os eventos históricos no plano ficcional.

TRABALHOS CITADOS

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986.

DAVID-PEYRE, Yvonne. Erico Verissimo, lecteur de Flaubert. *Cahier du Monde Hispanique et Luso-Brésilien – Caravelle*, Toulouse, Université de Toulouse, n. 29, p. 97-121, 1977.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse. *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 19-22.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MORAIS, Eunice de. A história e os meios acomodados. In: WEINHARDT, Marilene. *Ficção e história: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001. p. 95-116.

MORO, Eoná. *História e literatura em O Continente de Erico Verissimo*. 2001. 188 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

PINSON, Guillaume. Jornal e sociabilidade no século XIX. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (Orgs.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil / França, Século XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 327-340.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento I - O Continente 2*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. 20. ed. São Paulo: Globo, 1995. v. 1.

Marcio Miranda Alves é Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP).

Coordena o Mestrado e o Doutorado em Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e edita a revista *Antares: Letras e Humanidades*, da mesma universidade. Desenvolve atualmente as pesquisas: *As fontes do discurso histórico-cultural no romance inglês: séculos XIX e XX* e *Modulações contemporâneas do Regionalismo literário brasileiro*. Publica em muitos periódicos acadêmicos e nesses tem se dedicado frequentemente a estudos sobre a obra de Erico Verissimo. Seu livro *Erico Verissimo e o jornalismo: fontes para a criação literária* foi lançado em 2018 pela Paco Editorial.

Artigo recebido em 22/08/2020. Aprovado em 25/08/2020.